

Para aquém do *princípio do prazer*: o umbral

*Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro**, Ribeirão Preto

Na clínica contemporânea observam-se analisandos nos quais o princípio da realidade parece ter se instalado antes do princípio do prazer. Aproximando referenciais de Freud, Winnicott e Bion, o autor propõe pensarmos as primeiras realizações oníricas prazerosas como matriz mental. Falhas nestas primeiras experiências emocionais acarretariam o desenvolvimento de uma área da experiência descrita como uma cesura estagnada, uma dimensão anterior ao princípio do prazer onde o ser, impossibilitado de guiar-se através das qualidades sensoriais prazer/dor, resulta pouco mais que seus tropismos: um umbral aquém do princípio do prazer. Esta abordagem acarreta implicações técnicas no trabalho analítico com estas camadas protomentais. O autor propõe que, nestas áreas, é importante o analista estar livre para trazer ao setting amplas áreas de sua personalidade, usando sua intuição, espontaneidade bem-humorada e criatividade na gestão da relação analítica destes analisandos.

Palavras-chave: princípio do prazer, matriz da mente, cesura, umbral, humor, relação analítica.

* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Introdução

“Alma, estás aí?”

J. Kristeva (1993)

Na clínica contemporânea observamos situações complexas nas quais, como modelo, podemos conjecturar imaginativamente que o *princípio da realidade* (PR) teria se instalado cronologicamente antes do *princípio do prazer* (PP)¹; ou, em outras palavras, que a mente incipiente teve que lidar com protopensamentos quando ainda não havia suficiência de função α para tal tarefa, criando um *pseudo-PR*. Resulta disso que elementos indigestos da experiência permanecem acumulados na mente prejudicando a preponderância inicial do *princípio do prazer*.

A sinalização que determinada experiência é da ordem do prazer ou da dor configura um limite, um guia, uma referência para a continuidade (ou não) daquela vivência. No início da existência, a ausência deste guia desorienta e afasta o ser do investimento na alteridade, inicialmente representada pelo seio ou seu substituto, e um passo fundamental para o desenvolvimento da função α do lactente resulta prejudicado. O desinvestimento no seio reforça os estados narcísicos e autísticos, prejudicando a introjeção da função α do objeto que capacitaria o ser para a lida com a realidade, o déficit de função α leva a novos desinvestimentos na alteridade, criando-se um círculo vicioso de difícil manejo. O ser acaba por carecer da experiência emocional de estar vivo e inteiro, torna-se prisioneiro de uma espécie de umbral aquém do PP.

¹ Freud (1911, 1915) concebeu o *princípio do prazer* (PP) em bases biológicas, observando processos como fome ou desejo sexual; propôs que um aumento de tensões seria acompanhado de desprazer e acarretaria sua descarga, geradora de prazer. O PP constituiria o primeiro e mais básico funcionamento mental, característico do narcisismo primário, entendido como período pré-objetual, autístico. O *princípio da realidade* (PR) surgiria subsequentemente ao do *prazer*, a partir da influência da realidade externa, e seria caracterizado pela possibilidade de se adiar a descarga motora imediata antecipando a ação via pensamento (ideação). O PR se impõe como princípio regulador, e sua instauração complexifica a vida mental incipiente, inaugurando adaptações no aparelho psíquico: desenvolvimento das funções conscientes de atenção, juízo e memória, e a incipiente capacidade para pensar. Bion (1961, 1962) reformulou amplamente a ideia da origem do psiquismo; separou a mente do pensamento e propôs que os pensamentos são primários em relação ao pensador e buscam uma mente para pensá-los. A mente pessoal seria criada através da introjeção e desenvolvimento de uma série de *funções e fatores da personalidade* postos em ação para lidar com o *pensamento sem pensador* e pensá-lo, ligando-o em conjunções constantes, nomeando o pensamento.

O *sonhar* como matriz da mente

“Somos feitos da matéria dos sonhos; e nossa
pequenina vida é cercada pelo sono”

Shakespeare (1612).

Cedo Freud (1900) apontou a função do sonho como realizador dos desejos inconscientes; vinte anos se passaram até que, em *Além do princípio do prazer* (1920), conjecturando sobre os perturbadores sonhos dos portadores de *neuroses traumáticas*, Freud aprofundou sua pesquisa sobre as origens do psiquismo, sugerindo que

[...] a função dos sonhos, que consiste em afastar quaisquer motivos que possam interromper o sono, através da realização dos desejos dos impulsos perturbadores, não é sua função *original*². Não lhes seria possível desempenhar esta função até que a totalidade da vida mental houvesse aceito a dominância do princípio do prazer (p. 43).

Qual seria, então, a função *original* do sonho? Para Freud, quando ainda não se alcançou a preponderância do PP, os sonhos teriam a função de “desenvolver a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática” (p. 42), sugerindo que os sonhos de repetição esforçam-se para restaurar uma função protetora da *barreira contra estímulos* (p. 42) que se encontra rompida nestes casos.³ A partir das ideias de Bion (1962, 1963) sobre o tema, a expansão do manancial teórico permitiu uma compreensão mais clara do sonhar na constituição do psiquismo humano.

O *sonhar* passou a ser entendido como um processo vital do ser humano que ocorre continuamente, tanto no sono como na vida inconsciente de vigília. É parte do complexo processo responsável pela transformação das impressões sensoriais brutas (elementos β) em elementos inconscientes da experiência capazes de vinculação, geração de pensamentos oníricos inconscientes, sonhos, lembranças, esquecimentos, memória e pensamentos (elementos α). Quando o *sonhar* falha, o que ocorre geralmente diante de experiências nas quais as funções da personalidade

² Destaque em itálico do Freud.

³ Freud parece propor que a repetição onírica do trauma visava a criação de uma função protetora contra o estímulo que o causou. Na dinâmica continente↔contido (♀↔♂) isto corresponde ao que Ogden (2004) descreveu como *pesadelos*, ou seja, tentativas de se sonhar *sonhos não sonhados* ou *insonháveis*.

foram incapazes de fazer frente à invasão de estímulos excessivos, estas vivências permanecem na mente como protopensamentos indigestos (Meltzer, 1984), ou como *sonhos não sonhados* no modelo proposto por Ogden (2004).

Nos primórdios da existência, devido à sua fragilidade, o bebê precisa acreditar ser o responsável pela presença do seio; se está com fome, chora, e o seio surge no momento da necessidade, sua experiência emocional leva-o a acreditar que é o criador onipotente do seio (Winnicott, 1951, 1968, 1971; Ogden, 1986), protegendo-o da percepção prematura (e potencialmente traumática) de que o seio real é separado e independente dele.⁴ A oferta do seio no exato momento da necessidade proporciona uma ilusão – um *sonho de realização de desejo* – inaugurando a capacidade para sonhar do lactente. Portanto, o *primeiro sonho* é um sonho-a-dois: numa sincronia precisa, o lactente entra com a necessidade/desejo e a mãe com o seio realístico. Desta forma, o objeto torna-se coautor da ilusão onipotente, criando um sonho-a-dois com o lactente e corroborando os primeiros movimentos na direção da preponderância do *princípio do prazer*.

J. Andreucci (2000), conjecturando sobre os primeiros movimentos evolutivos do lactente, enfatizou o papel da capacidade de *rêverie* materna no processo separação→indivuação. No seu modelo, a mãe *traduz* ao seu bebê os estados emocionais deste, estabelecendo uma assimetria entre ambos: *se há um tradutor para as emoções que o bebê sente, mas não entende sozinho, então existe um outro, um alguém lá fora que é não-eu e que pode colaborar comigo*. Através de identificações projetivas, as angústias e percepções primitivas do lactente são dirigidas ao objeto, que ativamente as acolhe e, fazendo uso de sua *rêverie*⁵ e função α , *tratará e bonificará* (Ferro, 2005) essas projeções, devolvendo-as na forma de elementos α , passíveis de armazenamento na memória e utilização no sonhar/pensar. Ao traduzir o que é indigesto para algo que é assimilável à protamente, o objeto provê, ao mesmo tempo, duas experiências emocionais fundamentais: a) uma temporária opacificação da separação entre ambos e b) ao lhe oferecer o método para lidar com os elementos indigestos da experiência (a função α), constitui-se como um objeto da alteridade.

⁴ Winnicott (1968, p. 90): “É preciso dizer que o bebê cria o seio, mas não poderia fazê-lo se a mãe não estivesse ali e naquele momento. O que é comunicado ao bebê é: ‘Venha ao mundo criativamente. Crie o mundo. É apenas aquilo que você cria que tem significado para você’. Posteriormente é acrescentado: ‘Você controla o mundo’. A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê torna-se capaz de poder experimentar a frustração e até mesmo de um dia chegar ao outro extremo da onipotência, ou seja, de adquirir o sentimento de ser uma gota d’água no oceano, um oceano que já existia antes mesmo de ele ser concebido por pais que tinham prazer um com o outro. Não é sendo Deus que os seres humanos adquirem a humildade tão peculiar à individualidade humana?”.

⁵ Podemos pensar na *rêverie* como sendo a função protetora da *barreira contra estímulos* (p. 42) a que Freud (1920) se referiu.

Este delicado processo não é passivo e nem de inteira responsabilidade do objeto. Em *Cogitations*, Bion (1992) apresenta o esboço de uma inovadora teoria dos instintos na qual propõe uma visão que expande a dualidade proposta por Freud (1920) entre Eros e Thánatos: os tropismos⁶. Tropismo, no *Novo Dicionário Aurélio*, significa “reação de afastamento ou de aproximação do organismo com relação à fonte de um estímulo” (p. 1426). É um termo que vem da fisiologia vegetal e descreve, por exemplo, o movimento orientado das plantas em direção ao estímulo luminoso (heliotropismo). Da mesma forma, Bion afirma que a mente incipiente deve ser capaz de buscar um objeto com o qual possa fazer identificações projetivas, iniciando as relações continente↔contido (♀↔♂).

Segundo o autor, a ação apropriada dos tropismos é a busca, a procura por um *seio primitivo* com quem se relacionar. O *seio primitivo*, se tolerante às identificações projetivas, constituirá a experiência sensorial/emocional que interagirá com os tropismos do lactente, acolhendo-os e respondendo à sua busca:

Os tropismos são a matriz a partir da qual brota toda a vida mental e, para a maturação se realizar, eles precisam ser resgatados do vazio e comunicados. Assim como a criança precisa de um seio (ou seu equivalente) para sustentar a sua vida, é preciso que haja uma contraparte mental, o seio primitivo, para que a vida mental seja sustentada⁷ (Bion, 1992, p. 35).

O *seio primitivo* é o alimento mental, o correspondente psíquico do leite que o seio realístico oferece ao corpo.

Mas como acontece esta *alimentação* mental? Sonhando! Somos seres multidimensionais, em nossa trajetória desde a concepção em algum lugar da trompa de falópio materna até os dias atuais, abarcamos uma infinidade de experiências sensoriais e emocionais que ficam à disposição de nossas *rêveries*. Por exemplo: imaginemos um recém-nascido que acorda de madrugada gritando; os berros veiculam seus tropismos, ou, em outras palavras, identificações projetivas em busca de um continente. Sua mãe acorda e, no caminho para o berço, sente seu próprio coração disparado e pensa: “Nossa! Quanto medo!”. Sem que ela perceba, em sua mente surgem imagens de uma carnificina que ela recentemente viu nos jornais e inconscientemente conjectura que seu bebê pudesse estar sonhando com momentos dramáticos do seu parto, quando estava a rasgar a mãe de dentro para fora, ambos correndo risco de vida... Ao chegar ao berço, coloca a criança no

⁶ Por ser constituído por movimentos primitivos relacionados ao condicionamento biológico, este conceito pode ser associado aos instintos.

⁷ Tradução livre do autor.

colo, com o ouvido voltado para seu peito esquerdo, onde ele é capaz de ouvir o (já conhecido) ritmo das batidas do seu coração. Ao mesmo tempo, faz movimentos suaves embalando o bebê, dizendo “Não é para tanto, mamãe está aqui, papai está aqui. Nós estamos com você...”. Também cantarola uma velha cantiga de ninar: “Boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta...”, num tom de voz tranquilo, acolhendo o *boi da cara preta* (a angústia de aniquilamento) e dando-lhe ritmo, melodia e contenção.

Através da *rêverie*, o objeto usa seu manancial de elementos α (armazenados na forma de experiências emocionais, imagens mnêmicas, músicas, cantigas da infância, poemas, odores, etc.) para sonhar e decodificar a projeção de bebê, transformando-a em elementos α assimiláveis pela mente incipiente, assim restaurando o senso de continuidade (Ogden, 1989) que fora perturbado pelo conteúdo indigesto. Repetidas experiências dessa qualidade, via identificação introjetiva, alimentam a mente em nascimento com fatores e funções da personalidade que vão tecendo seu continente (Ribeiro, 2006).

Se o objeto falha repetidamente nessas funções, a saudável experiência de ilusão onipotente que inicia o *princípio do prazer* ao realizar o *primeiro sonho* torna-se uma experiência de desvalia, e uma realidade intolerável se faz presente. Se nem sonhar o absolutamente frágil e dependente lactente puder, o que lhe restará?

Para quem do *princípio do prazer*: o umbral

*“O embriologista pode falar sobre ‘fossas ópticas’
e ‘fossas auditivas’.*

*É possível para nós, como psicanalistas, pensar
que pode ainda haver vestígios, no ser humano,
que sugeririam uma sobrevivência, na mente
humana, análoga àquela no corpo humano, de
indícios, no campo da óptica, de que uma vez
existiram fossas ópticas, ou no campo da audição,
de que uma vez existiram fossas auditivas?”*

W. R. Bion (1977)

Como vimos, a relação junto ao *seio primitivo* constitui-se matriz mental. O objeto, ao patrocinar o sonho-a-dois da criação do seio, inaugura o funcionamento do *princípio do prazer*, capacitando à mente incipiente discernir

prazer de desprazer e guiar-se através desta delimitação sensorial rumo à parceria com o *princípio da realidade*.

Quando isto falha, o indivíduo fica estagnado num umbral aquém do *princípio do prazer*. *Umbra*l, nos dicionários, designa um limite, uma área de passagem entre dois ambientes distintos, geralmente representado por uma pedra no chão de uma porta (soleira); no espiritismo, o termo é usado para descrever o estado ou lugar transitório por onde passam as pessoas que não souberam aproveitar a vida na Terra, uma dimensão de terror entre a dimensão material e a dimensão espiritual, na qual a pessoa permanece até conseguir sintonizar *vibrações positivas* que a auxiliem na evolução rumo a patamares mais elevados da existência.

Psicanaliticamente, o umbral aquém do PP representa uma cesura estagnada, um estado mental no qual o ser se encontra obstruído numa dimensão sensorial dolorosa da experiência onde há apenas sensação de dor, desprovida de sua contraparte prazerosa, potencialmente veiculadora de esperança. Esta primitiva sensação de dor/desprazer está neurologicamente associada à evasão da experiência, prescindindo de associações corticais (pensamento) para executar movimentos evasivos, como no modelo do arco-reflexo⁸. O umbral é uma experiência da área do *sentir* dor, portanto pertencente ao plano sensorial, diferente do *sofrer* dor, característico da dimensão simbólica (Bion, 1970a). No plano do sentir, a sensorialidade dita o viver, que se resume em evitação de dor, o que é bem diferente de sentir prazer: o umbral não é um lugar bom, não tem nem mesmo as qualidades onipotentes como tem o claustro⁹ descrito por Meltzer (1992); na melhor das hipóteses, o que ele oferece é uma experiência não-dor, uma espécie de anestesia (do grego antigo: *an-*, ausência, e *aisthēsis*, sensação).¹⁰

No umbral, a noção de espaço é sentida como um ponto que, embora aparentemente pequeno, é infinito e absoluto, não acaba nunca; a sensação da passagem do tempo não é atemporal, nem linear (com passado, presente e futuro), sua qualidade é circular, o tempo passa, mas não chega a lugar nenhum. Claustrofobia e agorafobia se fazem ambas presentes. Ali, viver e morrer (Eros e

⁸ O arco-reflexo é uma reação involuntária rápida, consciente ou não, que visa à proteção ou adaptação do organismo. Origina-se de um estímulo externo e promove movimentos evasivos via medula espinhal antes mesmo de o cérebro tomar conhecimento do estímulo periférico.

⁹ O umbral também difere do claustro na medida em que o claustro se constrói através de mecanismos projetivos invasivos para dentro do objeto, portanto, numa dinâmica (♀↔♂). O umbral refere-se a experiências mais primitivas, relacionadas à impossibilidade de relação objetal.

¹⁰ Como conjectura imaginativa, se fôssemos comparar o umbral com um *claustro*, o modelo poético de Vinicius de Moraes intitulado *A casa é significativo*: “Era uma casa muito engraçada/Não tinha teto, não tinha nada/Ninguém podia entrar nela, não/Porque na casa não tinha chão/Ninguém podia dormir na rede/Porque na casa não tinha parede/Ninguém podia fazer pipi/Porque penico não tinha ali/Mas era feita com muito esmero/na Rua dos Bobos número zero”.

Thánatos) é a mesma coisa, nada de bom se sustenta ao longo do tempo, esperança é um conceito vazio, não há possibilidade de interação efetiva continente↔contido e o desenvolvimento simbólico permanece seriamente prejudicado.¹¹ O ser resulta pouco mais que a somatória dos seus tropismos (Bion, 1992).

Estes tropismos direcionam-se instintivamente ao mundo externo em busca de um continente para suas identificações projetivas, mas, ao não encontrar resposta adequada, conjecturamos que sofram uma espécie de retração, uma *desistência* em buscar o continente almejado. Esta retração, ao longo de repetidas experiências desta ordem, lança o ser no umbral aquém do PP. Estagnados na cesura, os tropismos podem apresentar diferentes manifestações:

a) se congelados, favorecem fenômenos negativos como depressões maiores ou inibições autísticas;

b) se involucrados no veículo que foi usado na tentativa de comunicação, seja som, visão ou tato, tornam-se *objetos bizarros* perseguidos e perseguidores, matéria-prima para delírios e alucinações;

c) se sofrerem exacerbação, transformam-se em nastismos.

Nastismo (do grego *nastós*, apertado) são respostas desorientadas a estímulos; em botânica, corresponde ao crescimento desordenado de uma planta em várias direções, tornando-a disforme. Oposto ao heliotropismo, seria como se a planta não conseguisse perceber de onde a luz solar vem e crescesse em todas as direções à procura do sol, seu *seio primitivo*.

Em psicanálise, nastismo (Corrêa, 2008) pode ser compreendido como um modelo extraído da biologia para uma alusão a situações nas quais os tropismos falharam em detectar um continente (♀) com o qual fizeram identificações projetivas e se desorientaram, tornando-se conteúdos (♂) em busca desesperada por algum continente (♀), ou a identificações projetivas procurando desenfreadamente um *seio primitivo* que as acolha e processe. Clinicamente, se manifestam através de *actings* hiperbólicos moldados por delírios e alucinações. O modelo clínico abaixo se propõe ilustrar fenômenos desta ordem.

Elisa, uma jovem pintora, procurou análise numa incapacitante crise depressiva que a fez abandonar seus estudos na capital e retornar aos cuidados dos pais. Não conseguia sentir interesse por absolutamente nada em sua vida,

¹¹ “O paciente pode expressar um medo do futuro que tem muitas características de um passado que pensamos que ele não possa possivelmente lembrar; nem pode ele lembrar o futuro porque este não aconteceu ainda. Estas coisas, expressas de forma quase imperceptível, podem, na verdade, ser muito fortes. Eu posso imaginar que possa haver ideias que não podem ser expressas mais vigorosamente porque elas estão enterradas no futuro que ainda não aconteceu, ou enterradas no passado que está esquecido, e que mal podemos dizer que pertencem àquilo que chamamos pensamento” (Bion, 1977, p. 126).

não tinha mais convívio social, não se alimentava adequadamente e sua higiene pessoal era precária; nada lhe fazia diferença, “nem para bom, nem para ruim... é tudo a mesma coisa”, como dizia. Queria cessar seu sofrimento, mas quase não tinha esperança que isso fosse possível, frequentemente me pedia para auxiliá-la na sua morte, que, segundo ela, seria uma eutanásia, pois se sentia “inviável”.

Filha primogênita de um casal idoso, Elisa sempre se sentiu indesejada, durante sua gestação “quase foi abortada espontaneamente” por duas ou três vezes. Foi sempre a primeira da classe, pois, segundo seu mito pessoal, seu pai lhe dizia que “mulher, ou era bonita ou inteligente, e como ela era feia, só lhe restava ser inteligente”. Elisa nasceu com várias pequenas deformidades físicas (malformações congênitas) que se relacionavam com sua ideia de feiura e rejeição; esta configuração lhe trazia uma certeza quase absoluta de que jamais seria desejada ou amada por ninguém.

Entretanto, Elisa chegou para sua primeira entrevista causando impacto: estava vestida com calça de camuflagem do exército, coturno preto, camiseta escura muito justa e uma bolsa bordada contrastando com o restante. Tinha vários piercings no rosto e tatuagens pelo corpo. O cabelo era extremamente curto, mas em alguns pontos era tingido de azul e se alongava para cima, parecendo uma Estátua da Liberdade bizarra. Esse foi seu figurino por um bom tempo.

Era impossível ela não ser notada, o que contrastava com a depressão na qual se sentia um zumbi, uma morta-viva ambulante, inexistente. Quando conseguia sair da cama, produzia-se assim para sair à rua, o que obviamente atraía olhares alheios. Fomos notando que, num primeiro momento, os olhares estranhamente a reconfortavam; entretanto, com a evolução do contato consigo mesma, Elisa passou a ouvir os comentários que suscitava na rua (“Nossa Senhora Aparecida! Deixaram a porta do hospício aberta!” ou “Aquila ali é um homem ou uma mulher?”) e passou a sentir vergonha da exposição. A análise revelou que seu layout era um nastismo, através destes exageros visuais ela se projetava em todas as direções numa busca desesperada por algum contato, mesmo que fosse pejorativo, pois o que precisava era de evidências de estar viva: ‘Sou vista, logo existo!’.

Também no setting surgiam nastismos: certa vez chegou para uma sessão com uma pintura em cartolina que havia feito numa oficina em grupo. Entregou-me a obra, avisando que ainda não estava terminada. Na obra, do lado esquerdo havia uma mulher nua, com seios fartos, as pernas e braços abertos, como se estivesse em queda livre; no lado direito observavam-se as pernas de um homem com um grande pênis no centro, em destaque. Apesar da desproporção de tamanho entre as duas figuras, parecia haver um movimento da mulher em direção ao

pênis. O fundo era todo manchado de vermelho, uma menstruação, segundo ela. A obra fora exposta aos colegas da oficina, que fizeram chacotas sobre sua sexualidade, ofendendo-a.

Minha primeira reação diante da pintura foi de desgosto, depois, espontaneamente, lembrei-me de uma sessão recente na qual a dinâmica exigida por ela era homossexual: sermos duas mulheres, sem diferenças anatômicas ou mentais. Qualquer alteridade entre nós era sentida como violência de minha parte. Dizia que, por eu não ser mulher (ou ela não ser homem), eu não poderia compreendê-la completamente. No entanto, agora estava trazendo essa representação visual das diferenças entre nós. Pensei também nessas figuras representando masculino/pai e feminino/mãe dentro dela, talvez em busca de alguma integração. Lentamente, fui me envolvendo com a pintura, apreciando-a; quando já a estava admirando, perguntei o que a fez dizer que não estava acabada.

Ela me pediu de volta a cartolina e a rasgou no meio, separando-a em duas partes, depois pegou a parte do genital masculino e a picotou em inúmeros pequenos pedaços. Senti um forte impacto emocional. Fiquei taquicárdico. Inicialmente, senti a agressão diretamente contra mim, cheguei a pensar se deveria usar de alguma ação para impedi-la de destruir a obra; no entanto, contive-me e esperei observando em silêncio, eu, restaurando as batidas de meu coração, e ela, derramando lágrimas mudas. Depois de alguns minutos, Elisa, religiosamente recolheu os pequenos fragmentos jogados ao chão, juntando todos e me entregando a obra terminada: a parte esquerda (a mulher em queda livre) e os fragmentos picados.

Frente a áreas pré-verbais, enactments (Jacobs, 1991; Cassorla, 2005a) são ferramentas de comunicação. Neste *happening*¹² Elisa convidou-me a contracenar com ela múltiplas dimensões de sua mente, sobrepostas:

a) Num plano primitivo, Elisa trazia o ódio que sentia das diferenças, sejam elas sexuais ou não, pois a remetiam à assimetria de *rêverie* nunca alcançada na relação com o *seio primitivo*. Essa *falha básica* (Balint, 1967) a fez sentir-se separada do objeto numa fase precoce demais, gerando a demanda por estados fusionais (homossexuais) vida a fora, numa tentativa desesperada de reencontrar o objeto prematuramente perdido.

b) Noutro plano, vislumbramos sua concepção da cena primária: um encontro violento, hemorrágico, desproporcional e anticriativo, que, ao invés de

¹² Buscando o elemento criativo naquele *acting in*, concebemos a experiência como um *happening*, que é uma modalidade de expressão artística na qual o artista atua junto a sua obra e ao público, fazendo a arte acontecer ao vivo, naquele momento, para aquelas pessoas que lá estão.

gerar uma nova vida, concebe um aborto, uma menstruação (Ribeiro, 2009).

c) Noutro plano, identificada com a mulher que cai em direção ao pênis, Elisa expressa seu desejo sexual edípico, de caráter doloroso, infértil e descartável (menstrual).

d) Ainda, através da violência contra o masculino, ela expressa sua impossibilidade de identificação com o pai e com as funções masculinas de sua personalidade (Sandler, 1999).

e) Noutro plano ainda, traz seu sentimento de impossibilidade de privacidade, seu *setting interno* vaza para todos os lados, gerando chacotas sobre o que deveria ser tratado com consideração e respeito.

f) E, entre outras múltiplas dimensões, ao encenar este *happening* em minha presença, Elisa traz sua esperança de que, na atualidade da experiência emocional ali comigo, conteúdos do umbral possam sofrer transformações criativas.

Atirando em todas as direções, os nastismos visam a encontrar um continente que os acolham como tropismos, sua origem antes da exacerbação deformante. Como tropismos – sejam eles assassino-suicidas, parasita-hospedeiros ou criativos – podem ser *resgatados do vazio e comunicados*, sofrendo a influência da função α do continente/analista, potencialmente capaz de modificá-los.

Brincando com os sonhos: sonhando sonhos com quem não aprendeu a sonhar

“A posição do analista é semelhante à do pintor que, através de sua arte, acrescenta algo à experiência de seu público.”

W. Bion (1965)

“O natural é o brincar, e o seu fenômeno altamente aperfeiçoado é a Psicanálise.”

D. Winnicott (1971)

Freud (1905) comparou o analista ao escultor, que *via di levare*, retira os excessos revelando a obra oculta na pedra bruta. Contido nesse modelo há uma crítica ao *analista-pintor*, que, por *via di porre*, colocaria na *sessão-tela* elementos seus, compondo uma espécie de *sugestão*. Certamente isso é válido para a relação com analisandos nos quais predominam partes neuróticas na personalidade, cujos conflitos emanam principalmente das situações edípicas clássicas descritas por

Freud. Mas e quando a obra oculta na pedra ainda não tem forma ou representação?

Muitos autores se debruçaram sobre esta questão, entre eles Alvarez (1992, 1997), baseada em sua experiência com pacientes autistas, defende que estes analisandos necessitam, por parte do analista, de atitudes mais receptivas e acolhedoras (que ela chamou de *motherese*), bem como de posturas ludicamente desafiadoras (*fatherese*), a fim de alcançarem o *trilho* espontâneo do desenvolvimento mental. De forma semelhante, Aisenstein (2004a, b) defende que o analista, “diante de pacientes com dificuldades de representação, deve ser capaz de assumir posições muito mais ativas do que a posição clássica, sem perder a neutralidade analítica” (2004b, p. 277).

Aisenstein usa o termo *objeto de comércio* ao referir-se aos sonhos desses analisandos, para enfatizar que “tão importante quanto interpretar sonhos é a tarefa de conversar, comercializar em torno de um sonho” (2004a, p. 251). A palavra comércio origina-se do latim e significa troca, intercâmbio. Esta é a ideia: *comercializar* com o analisando o seu sonho, expandindo-o, “emprestando ao paciente o nosso trabalho pré-consciente” (2004b, p. 275). De forma lúdica e despreziosa, o analista pode tentar “inventar um sonho com seu paciente, ou brincar de modificar, enriquecer um sonho pobre, seco, cujo conteúdo parece traumático” (Aisenstein, 2004a, p. 255).

Devido à associação de *comércio* com dinheiro, sistemas de valores e moral, prefiro chamar essa técnica de *brincar com o sonho* e, entendendo a atividade presente no *setting* como emanações de um campo onírico (Winnicott, 1971; Meltzer, 1984; Ogden, 1996, 2004), proponho a expansão deste *brincar* para toda atividade junto ao analisando na sala de análise e não somente para seus sonhos. Quanto mais o analisando for limítrofe na sua capacidade simbólica, mais a sessão deve tornar-se uma criação conjunta analisando/analista, visando à expansão da sua capacidade para sonhar (Ferro, 2005; Ogden, 2007; Cassorla, 2005b, 2009; Ribeiro, 2007).

Para ilustrar essas conjecturas, trago um fragmento de uma sessão de Elisa. Neste período de sua análise observávamos que lhe era praticamente impossível sustentar certas experiências emocionais ao longo do tempo, mesmo que prazerosas. Elisa havia sido recentemente reconhecida como uma promissora artista plástica e estava participando de uma exposição na mais respeitada galeria de arte da cidade, mas alegrias como esta duravam pouco, logo não significavam mais nada; prazer e dor eram-lhe a mesma coisa. Era comum haver encontros nos quais predominava um forte padrão de autopiedade pelos seus sintomas tão incapacitantes, tornando a sessão um monólogo depressivo de difícil manejo. Era o umbral se fazendo presente no *setting*.

Abordagens através de modelos mais clássicos, como interpretações transferenciais no aqui e agora, pareciam surtir pouco efeito. Elas eram reconhecidas como verdades, mas, nestes momentos, a experiência emocional da dupla parecia empobrecer, como se eu estivesse conversando com seu falso *self* e não com ela. Passei então a trabalhar com Elisa de forma mais lúdica, não levava tão a sério suas queixas e comecei a *brincar* com o material que ela trazia, procurando usar de humor para desintoxicá-lo de componentes superegoicos egoassassinos (Bion, 1967). Para sua irritação e, num outro plano, também prazer, sua autopiedade ganhou o nome de *a velha mania de coitadização de si mesma*, ou de *o bom e velho vício pela doença*. Eu compreendia (e ela também!) que este padrão de funcionamento de apego ao patológico representava a morada mais profunda do seu sentimento de identidade, pois no umbral é que ela parece ter se constituído como *peessoa* (Winnicott, 1962, 1963)¹³, ou seja, como um indivíduo único e exclusivo nesse mundo; e era para lá que ela retornava quando se perdia e precisava voltar a sentir-se si mesma (o *Eu-dade/I-ness* do Ogden, 1996).

Quando Elisa trazia sonhos, minha atenção voltava-se mais para os possíveis usos destes na sessão do que para a interpretação de seus conteúdos. Ludicamente, usava elementos do sonho para criarmos conversas bem-humoradas, diferentes das costumeiras culpabilizações dos pais, super-valorização dos sintomas incapacitantes, etc. Tentávamos, ao *brincar* juntos, criar um sonho-a-dois (Cassorla, 2005b, 2009).

Numa sessão, ao abrir a porta, encontrei Elisa me esperando como de costume: cabisbaixa, encolhida na poltrona e com as pernas tremendo. Essa cena visava a causar-me impacto emocional¹⁴. Usei, como costumava, seu segundo nome para chamá-la.

E: – *Ai!... Infelizmente sou eu mesma...* (com certo humor)

Entrou com passos lentos e sentou-se no divã. Disse-lhe, também com humor, que no dia seguinte iria chamá-la pelo seu primeiro nome, *para ver se assim ela não se arrependeria de ser ela mesma*, ao que ela me respondeu que, então, *iria olhar para os lados e nem entrar, pois aí não ia ser nem ela mesmo, feliz ou infelizmente...* Ela sorriu. Após um longo suspiro, continuou:

E: – *Hoje nós temos quatro horas, né?*

P: – *Você ‘tá me dizendo que hoje temos bastante trabalho pela frente...*

Então vamos lá!

E: – *Ai! A porra dessa minha ansiedade não passa! Agora dei pra tremer...*

¹³ Winnicott (1962) nos indaga: “Há um ego [um eu] desde o início? A resposta é que o início está no momento em que o ego inicia” (p. 55).

¹⁴ Na *Grade de Bion* (1965): ←↑.

Olha minhas mãos! Ontem eu consegui dormir um pouco à tarde, depois acordei e não consegui dormir mais, até tarde da noite... Inferno! Depois, fui acordar às cinco da madrugada... E no meio da tarde fui perceber que o que eu queria é cama...

O verbo no tempo presente denotava que ali também Elisa queria ficar na cama-divã, dormindo, meio morta, convidando-me para repetirmos sua compulsão de *autocoitadização*. Pensei: como sair dessa sinuca educadamente, sem interpretações moralistas ou superegoicas que poderiam nos levar a uma sutil dinâmica sadomasoquista? Optei por dizer-lhe: *Você disse porra, porra de ansiedade, mas você sabe o que é porra?*

E: – *Aquilo branco... sêmen... (encabulada)*

P: – *É, mas podemos diferenciar porra de sêmen e pensar que porra é o sêmen que foi estragado, jogado fora, desperdiçado. Sêmen vem de sementes... É aquilo que, se for plantado e bem cuidado, frutifica. É importante a gente diferenciar bem porra de sêmen; às vezes a sua ansiedade vira porra e deixa de ser uma ansiedade ligada à criatividade, ideias novas, etc...*

E: – *Ai! Ontem, minha cabeça não parava de pensar na loja que a minha mãe quer me dar... Desgraçada!... Acho que eu não tenho jeito para isso... pra trabalhar... Aí, fui pro meu quarto, mas eu não queria lá... Aí, a hora que eu percebi, estava no quarto da minha irmã, lá é mais escurinho... Mas não é só uma questão de escuro... A cama dela fica encostada na parede, num cantinho, atrás de um armário meio escondidinho... Aí eu me cobri, me encolhi toda, e foi lá que eu consegui dormir. Acordei de madrugada e, como não tinha nada pra fazer, resolvi criar coragem e colocar algumas ideias no papel.*

Sentou-se e retirou da bolsa alguns papéis. Ao falar, dava tapas nos papéis. Disse-lhe: – *E então, você vai ficar batendo neles ou vai me mostrar?*

Sorriu meio sem graça e me entregou os papéis, que tinham desenhos bem-humorados compondo o logo que criou para sua loja e uma lista de itens que pretendia manufaturar para vender. A lista tinha oito itens, sendo o último: *Socorro!* Disse-lhe que aqueles papéis continham sêmen do tipo sementes que, se bem cuidadas, podiam gerar frutos. Provoquei-a: – *Você pensa que é só sua irmã que pode ser a bem-sucedida da família? É, bebê?*

Neste momento, lembrou-se abruptamente de um sonho que tivera naquela noite: – *Sonhei que a minha irmã sofreu um acidente, talvez um acidente de carro, que a deixou parálitica. Ela estava numa espécie de sala de fisioterapia, numa cadeira de rodas, diante de uma esteira. Ela tinha que fazer aquela esteira para ficar boa. Parece que eu sei que a lesão dela é de bom prognóstico e que, se ela se esforçar bastante, poderá sair desta... Então eu resolvo ajudar minha irmã de*

qualquer maneira e falo energicamente que é para ela sair daquela cadeira e andar naquela esteira! Já! Ajudo ela se levantar, com aquele corpo grande dela em relação ao meu, pequenininho. Ai ela começa a andar na esteira, mas sente uma dor intensa no pé, terrível, quer desistir, mas eu brigo com ela: “Você tem que aguentar!”. Nesse momento o fisioterapeuta olha bem calmamente para ela e diz a respeito da dor no pé: “Isso é um bom sinal, dor é um bom sinal”.

Perguntei-lhe como era essa questão de dor ser um bom sinal e ela explicou que achava que tinha relação com a *manutenção das ligações neurológicas, com não ter rompido de vez os neurônios.*

P: – *Ah! E é o psicoterapeuta, e não o fisioterapeuta, que diz isso, não é?!*

E: – *É! Eu não tinha me tocado que era você! Eu já tinha percebido que a minha irmã e eu éramos a mesma pessoa, mas eu não tinha me tocado que era você! Que ódio, é você que fica sempre dizendo isso! (risos)*

O umbral revisitado: simplesmente ser

“Sabe, gente.

É tanta coisa pra gente saber.

O que cantar, como andar, onde ir.

O que dizer, o que calar, a quem querer.

Sabe, gente.

É tanta coisa que eu fico sem jeito.

Sou eu sozinho e esse nó no peito.

Já desfeito em lágrimas que eu luto pra esconder.

Sabe, gente.

Eu sei que no fundo o problema é só da gente.

É só do coração dizer não, quando a mente.

Tenta nos levar pra casa do sofrer.

E quando escutar um samba-canção.

Assim como: ‘Eu preciso aprender a ser só’.

Reagir e ouvir o coração responder:

‘Eu preciso aprender a só ser.’”

Gilberto Gil (1973)

Em uma carta para seu amigo Pfister, Freud (1910 *apud* Mezan, 1985) referindo-se às publicações psicanalíticas, comentou que a discrição é incompatível com uma boa exposição sobre a psicanálise. É preciso ser sem escrúpulos, expor-se, arriscar-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem algumas dessas ações criminosas, não se pode fazer nada direito.

Desde esta época, em muito evoluiu a técnica psicanalítica. Com as contribuições de Bion, a relação analítica passou a ser concebida como processo vivo de transformação que, embora numa modalidade assimétrica, afeta ambas as personalidades envolvidas no encontro. O analista clínico bem preparado não sai *immune* de uma análise razoavelmente bem-sucedida. Assim, o que Freud preconizou para nossas publicações passa a ser concebido também para as *publicações* (Bion, 1967) no *setting*, sejam elas verbais ou não. O analista, visando ao desenvolvimento mútuo, entra na relação transferocontratransferencial *de corpo e alma*, eticamente envolvendo-se com seu analisando. Autêntica neutralidade é a disponibilidade do analista para a experiência emocional vigente (Ogden, 1997; Franco Filho, 2000; Ribeiro, 2010).

Sozinho no umbral, os processos somatopsíquicos do analisando ficam impossibilitados de adquirir suficiente representabilidade para serem traduzidos em imagens ou palavras comunicáveis para si mesmo e para o outro. Algumas vezes, as ações do analista podem beirar atuações, mas, se temermos demais as mudanças catastróficas, não nos aproximaremos de núcleos arcaicos do analisando e não visitaremos seu umbral. Não tivesse Dante recrutado Virgílio, teria sido efetiva a travessia dos Infernos?

O analista que visita o umbral visa a uma *mudança catastrófica psicanaliticamente controlada* (Bion, 1965); ele procura, a fim de preservar a consciência das invariantes da personalidade em questão, manter uma relação entre os elementos catastróficos e os demais elementos da mente do analisando. O modelo citado por Bion (1965), da relação existente entre os movimentos catabólicos e anabólicos no metabolismo do organismo vivo, ilustra essa cesura que, apesar das transformações, preserva as invariantes características do indivíduo.

Catabolismo é o conjunto de processos metabólicos referentes às vias de degradação, de quebra das substâncias do organismo para fins de obtenção de energia e renovação; anabolismo é a parte do metabolismo que se refere à síntese de substâncias, a partir de moléculas mais simples são criadas moléculas mais complexas. Catabolismo ↔ anabolismo forma um contínuo necessário para evolução e manutenção do organismo vivo; como na mente humana, há que se quebrar e desconstruir para que a síntese do novo e mais complexo ocorra.

Para tal qualidade de cesura, “o analista não pode estar identificado com ‘O’, ele precisa que *sê-lo*” (Bion, 1970b, p. 27), ele precisa libertar-se de “memórias, desejos e necessidade de compreensão” e encarnar a experiência emocional vigente na relação com o analisando como sendo a única forma de conhecer (K) as evoluções de “O”. Assim procedendo, pode então veicular sua comunicação ao analisando (interpretação), que não será fruto de nenhuma descoberta sobre o passado deste (ou seja, análise da transferência como proposta por Freud), mas sim uma evolução de “O” comum a ambos da dupla.¹⁵ O analista praticante, ao mesmo tempo em que vive a relação com o analisando em tempo real, mantém observação atenta às transformações deste, bem como às suas próprias.

Em se tratando dos umbrais, cultivar um *olho* na camada simbólica representativa – o *princípio da realidade* – e outro na prazerosa da vida – o *princípio do prazer* – são fatores favorecedores destas travessias emocionais turbulentas. O próprio Freud (1927), exaltando a capacidade para o humor¹⁶, refere que “o humor tem algo de libertador em si [...], ele não é resignado, mas rebelde. Significa [...] o triunfo do ego, [...] que se recusa a ser perturbado pelas provocações da realidade que o levariam ao sofrimento, e torna-se capaz de afirmar-se contra os traumas da realidade externa”¹⁷ (p. 162). Também há relatos interessantes da ordem do prazer colhidos numa pesquisa feita por Paul Roazen (1995) junto a ex-analisandos de Freud que revelaram que, em certos casos, Freud adotava condutas muito pouco ortodoxas, permitindo-se celebrar junto a seus analisandos as conquistas da dupla, por exemplo, oferecendo-lhes um charuto pós-insight ou fazendo passeios pelo jardim de inverno de sua casa.

Através do humor e da verdade o analista tenta, eticamente, seduzir seu analisando para experiências emocionais em camadas diferentes daquelas em que

¹⁵ Thomas Ogden (2004) nos oferece um modelo para pensarmos as evoluções de “O” na dupla: “Esperaria que, se um dos meus pacientes fosse uma mancha na parede de meu consultório e me ouvisse trabalhando com outro paciente, o paciente-na-parede iria me reconhecer como a mesma pessoa, o mesmo analista com quem ele está trabalhando em análise, mas constataria que o modo como o paciente-no-divã e eu estávamos conversando é um modo que não serviria para o paciente-na-parede. Essa forma de estar junto e conversando, que estaria sendo ouvida secretamente, pareceria de alguma forma ‘equivocada’ – talvez um pouco cerebral ou crua demais, séria ou brincalhona demais, parental ou conjugal demais. O paciente-na-parede idealmente não invejaria o paciente-no-divã; ao invés disso, ele sentiria que ‘aquilo não é para mim’” (Item X, p.867, tradução livre do autor).

¹⁶ O humor na clínica psicanalítica, por muito tempo relegado à condição de erro técnico, pode ser entendido como um modelo insaturado de comunicação humana, uma função da personalidade relacionada com a aceitação de nossas limitações e com o fato de que toda verdade é sempre parcial; desta forma, constitui-se como exercício de humildade, potência e concomitância de alegria onde era de se esperar apenas dor.

¹⁷ Tradução livre do autor.

ele está acostumado a se conceber como *pessoa* (Winnicott, 1962), possibilitando a instalação de um *senso de existência* (Marques, 2006) num novo patamar que inclua a possibilidade da alegria de se estar vivo. A vida é um bem supremo e participar ativamente dela é uma alegria única. Observa-se essa alegria de simplesmente viver/ser em crianças saudáveis, que demonstram extasia nas mais simples atividades de seu cotidiano. Ser essencialmente quem somos, encontrar um sentimento de existência e permanência nesta vida e neste mundo é tarefa cotidiana para todos. Quem experimenta a vida assim é capaz de se relacionar com o que é vital separando-se de Thánatos de maneira madura, sem negar as forças da morte.

Nada nos garante que, com o nascimento biológico, nasce também a mente do ser, que pode ter áreas estagnadas em níveis primitivos de funcionamento, como os do aquém do *princípio do prazer*. Nestes casos, compete à análise reconhecer, colher e sonhar os primitivos tropismos do analisando, colaborando com a devida gestação e nascimento das partes que aguardavam luz/parto (Tustin, 1981; Sapienza, 1999; Symington, 2007). O trabalho com estas áreas da protomente demanda que o analista esteja livre para trazer ao *setting* amplas áreas de sua personalidade, muitas vezes usando sua intuição e criatividade para *brincar* com seu analisando. O analista será convidado a se expor, a *ser* a psicanálise muito mais do que *saber sobre* ela (K→O); para tal, suficiência de análise pessoal que o habilite a fazer uso de amplas áreas de sua personalidade com segurança e verdade¹⁸ é fundamental.

Para além do umbral existe a vida. Vida conquistada e construída ao logo do *sendo*. O modelo poético usado na epígrafe deste item nos remete a esta cesura: *no fundo o problema é só da gente, é só do coração dizer não, quando a mente tenta nos levar pra casa do sofrer. Reagir e ouvir o coração responder: “Eu preciso aprender a só ser”*. ◻

Abstract

Before the *pleasure principle*: the threshold

In contemporary clinical practice, we observe patients in which the reality principle seems to settle in before the pleasure principle. In an attempt to approach Freud's, Winnicott's and Bion's concepts, the author proposes we consider the first pleasant

¹⁸ “Quanto mais ‘real’ for o psicanalista, mais ele pode estar em unísono com a realidade do analisando” (Bion, 1970b, p. 28, trad. livre do autor).

dream experiences as the matrix of the mind. Failures in these primary emotional experiences would develop an area of the experience described as a stagnant caesura, a dimension prior to the *pleasure principle* where the subject, unable to guide him/herself by the sensorial qualities of pleasure/pain results little more than his/her tropisms: a threshold beyond the pleasure principle. This approach entails technical implications for the analytic work with primitive layers of the mind. The author proposes that in these areas it is important for the analyst to be free to bring to the analytic setting broad areas of his personality, using his intuition, witty spontaneity and creativity in managing the analytic relationship with these patients.

Keywords: *pleasure principle*, matrix of the mind, caesura, threshold, humor, psychoanalytic relationship.

Resumen

Para más acá del *princípio del placer*: el umbral

En la clínica contemporánea se observan analizandos en los cuales el principio de la realidad parece haberse instalado antes del principio del placer. Acercándose a referenciales de Freud, Winnicott y Bion, el autor propone que pensemos a las primeras realizaciones oníricas placenteras como matriz mental. Fallas en estas primeras experiencias emocionales acarrearían el desarrollo de una área de la experiencia descrita como una cesura estancada, una dimensión anterior al *princípio del placer*, donde el ser, imposibilitado de guiarse a través de las cualidades sensoriales del placer/dolor, resulta poco más que sus tropismos: un umbral para más acá del principio del placer. Tal enfoque presenta implicaciones técnicas en el trabajo analítico con estas camadas protometales. El autor propone que, en estas áreas, es importante que el analista esté libre para traer al setting amplias áreas de su personalidad, usando su intuición, espontaneidad bien humorada y creatividad en el manejo de la relación analítica de estos analizandos.

Palabras clave: *princípio del placer*, matriz de la mente, cesura, umbral, humor, relación analítica.

Referências

- Aisenstein, M. (2004a). O sonho, objeto de comércio. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(2): 251-259.
- _____. (2004b). Aspectos técnicos e teóricos sobre a psicossomática e a ação terapêutica da psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(2): 269-281.
- Alvarez, A. (1992). *Companhia viva: psicoterapia com crianças autistas, borderlines, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1997). Falhas na vinculação: ataques ou deficiências? In M.O. França (Org.), *Bion em São Paulo: ressonâncias*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Andreucci, J. T. C. (2000). Comunicação pessoal.
- Balint, M. (1967). *A falha básica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Bion, W. R. (1961). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje* (Vol. 1, pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. (1962). *Learning from experience*. London: Karnac, 1984.
- _____. (1963). *Elements of psycho-analysis*. London: Karnac, 1984.
- _____. (1965). *Transformations*. London: Karnac, 1984.
- _____. (1967). *Second thoughts*. London: Karnac, 2006.
- _____. (1970a). Medicina como modelo. In W. R. Bion, *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1970b). Reality sensuous and psychic. In W. R. Bion, *Attention and interpretation*. A Janson Aronson Book, 2004.
- _____. (1977). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15: 123-136, 1981.
- _____. (1992). The tropisms. In W. R. Bion, *Cogitations*. London: Karnac, 2005.
- Cassorla, R. M. S. (2005a). From bastion to enactment: the 'non-dream' in the theater of analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 86(3): 699-719.
- _____. (2005b). Considerações sobre o sonho-a-dois e o não-sonho a dois no teatro da análise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12(3):527-552.
- _____. (2009). *Reflexões sobre não-sonho-a-dois, enactment e função-alfa implícita do analista*. Trabalho apresentado no encontro Pensando a Psicanálise da SBPRP, 2, Ribeirão Preto-SP, out./ 2009.
- Corrêa, M. L. P. (2008). Psicanálise e os tropismos: matrizes da vida mental. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 8: 71-89.
- Ferro, A. (2005). Fatores de doença, fatores de cura. Gênese do sofrimento e da cura psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago.
- Franco Filho, O. M. (2000). Experiência religiosa e psicanálise: do "Homem-Deus" ao "Homem-com-Deus". In *Livro Anual de Psicanálise*, 14.
- Freud, S. (1900). The interpretation of dreams. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard*

edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol. 4-5), London: Hogarth, 1973.

_____. (1905). Sobre a psicoterapia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol.7), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 277-286), Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 14, pp. 137-162), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 18, pp. 123-129), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). Humour. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, (Vol. 21), London: Hogarth, 1973.

Gil, G. (1973). Preciso aprender a só ser. In *Gil Luminoso* (CD). Geléia Geral/ Biscoito Fino, 2006.

Holanda Ferreira, A. B. de. (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e J.E.M.M. Editores Ltda.

Jacobs, T. (1991). On countertransference enactments: *The Use of the self: countertransference and communication in the analytic situation*. Madison (CT, USA): International Universities Press, 1991.

Kristeva, J. (1993). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Marques, T. H. T. (2006). Observando o trânsito da existência. *Rev. Bras. de Psicanálise*, 40(3).

Meltzer, D. (1984). *Dream-life: a re-examination of the psycho-analytical theory and technique*. Perth: Clunie for The Roland Harris Trust Library, n. 12.

_____. (1992). *The claustrium. An investigation of claustrophobic phenomena*. Gloucester, Inglaterra: Clunie.

Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

Ogden, T. (1986). *The matrix of the mind*. London: Maresfield Library, 1992.

_____. (1989). Sobre o conceito de uma posição autística-contígua. *Rev. Bras. de Psic.*, 30(2), 1996.

_____. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. (1997). *Reverie and interpretation: sensing something human*. Northvale, NJ: Jason Aronson.

_____. (2004). This art of psychoanalysis. *Int. J. Psychoanalysis*, (85): 857-877.

_____. (2007). On talking-as-dreaming. *Int. J. Psychoanalysis*, (88): 575-589.

Ribeiro, P. M. M. (2006). Tecendo o continente: ‘pensamento’ como superfície sensorial. *Revista Bras. de Psicanálise*, 39(4).

- _____. (2007). *Sonhando sonhos com quem não aprendeu a sonhar*. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise, 21, maio de 2007, Porto Alegre/RS.
- _____. (2009). Equívocos malignos. *Alter.*, 27(2), 2009.
- _____. (2010). Configurações edípicas inconscientes e a práxis do analista. *Bergasse* 19, 2(2), 2011.
- Roazen, P. (1995). *Como Freud trabalhava*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Sandler, P. C. (1999). Uma teoria sobre o exercício de feminilidade↔masculinidade. *Rev. Brasileira de Psicanálise*, 33(3).
- Sapienza, A. (1999). *Reflexões clínicas sobre o uso e manutenção das funções psicanalíticas*. Texto apresentado no Instituto de Psicologia da USP de São Paulo, out./1999.
- Shakespeare, W. (1612). *The tempest*. In W. Shakespeare, *The riverside Shakespeare*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1974.
- Symington, N. (2007). A technique for facilitating the creation of mind. *Int. J. Psychoanalysis*, 88(6).
- Tustin, F. (1981). Psychological birth and psychological catastrophe. *Do I dare disturb the universe?* London: Karnac, 1988.
- Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. (1963). O medo do colapso. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1968). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 29/11/12

Aceito em 01/04/2013

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Pça. Rainha Leonor de Lancaster, 62

Alto da Boa Vista

14.025-209 – Ribeirão Preto – SP – Brasil

e-mail: pmmr@terra.com.br